

Da vida à História

Apresentação do Módulo 8

Estamos começando o estudo de mais um período de nossa história recente. Entre 1942 e 1961, o Brasil viveu anos de crise, especialmente crises políticas: a renúncia de Getúlio Vargas e o fim do Estado Novo (1945), o suicídio de Vargas (1954), os levantes militares contra a posse de Juscelino Kubitschek (1955).

Mas foram também anos de crença e de esperança. Esperança no petróleo, que era nosso, nas cantoras do rádio, que uniam corações de norte a sul, no progresso de cinquenta anos em cinco.

Foi, antes de mais nada, um tempo no qual os partidos políticos e a democracia representativa, pela primeira vez, responderam de fato pelo jogo político. Pode-se dizer que, tanto as crises políticas quanto a esperança surgiram, de certo modo, da vivência política dessa novidade.

Anos de crise, anos de crença. Vamos a eles.



Nesta aula

Nesta aula vamos estudar as relações entre o governo e a sociedade da crise do Estado Novo até o final do segundo governo Vargas (1942-1954). Vamos tentar compreender como foi construída a popularidade de Getúlio Vargas, que, mesmo à frente de dois golpes de Estado (em 1930 e 1937) e da ditadura do Estado Novo (1937 a 1945), da qual foi deposto, acabou chegando à Presidência em 1950, com maioria absoluta de votos – em eleições livres. Vamos conhecer também as redefinições legais da cidadania brasileira ocorridas nesse período, a partir da elaboração de uma nova constituição em 1946.

O mundo em guerra

A Segunda Guerra Mundial foi um conflito armado de grandes proporções, maiores ainda que a Primeira Guerra Mundial, e durou de 1939 a 1945. Seu início ocorreu a partir de ações expansionistas por parte da Alemanha, governada por Adolf Hitler, sobre países da Europa. Em agosto de 1939, Hitler firmou o **Pacto de Não-Agressão** com a União Soviética, preparando o ataque alemão à Polônia

no mês seguinte. Esse fato, provocou a reação imediata da Inglaterra e da França, que declararam guerra à Alemanha. Mais tarde, a União Soviética também se apossaria da parte oriental da Polônia.

Em 1940, a Itália entra no conflito ao lado da Alemanha, e o Japão junta-se a essas duas nações, formando a aliança conhecida como **Eixo**. Os países do Eixo tinham em comum governos fortes, centralizados e autoritários.

No caso da Alemanha, o pensamento político do governo, além de totalitário (pois pretendia controlar não apenas as ações mas também as opiniões e convicções de todos os alemães), tinha um caráter racista, especialmente em relação aos judeus, e ficou conhecido como **nazismo**. Na Itália, governada por Mussolini, esse conteúdo totalitário do pensamento político dominante manifestou-se no **fascismo**. Por tal razão, há referências à Segunda Guerra Mundial como sendo a luta contra o **nazi-fascismo**.

Os Estados Unidos entraram na guerra ao lado da Inglaterra e da França e formou-se assim o grupo dos **Aliados**, a partir de 1941. A guerra assumiu, então, um caráter de **luta contra o totalitarismo e pela liberdade**.

No mesmo ano, a invasão da União Soviética pela Alemanha modificou o panorama da guerra. A partir da agressão alemã, a União Soviética se aproximou dos países Aliados, o que, a curto prazo, representou um dos acontecimentos que levariam à derrota dos países do Eixo.

O Brasil havia se declarado neutro e alguns membros do governo de Getúlio Vargas (Estado Novo) pareciam simpatizar com as idéias do fascismo italiano. Por causa disso, o país passou a sofrer pressões internas e externas (dos Estados Unidos) para entrar na guerra junto com os Aliados.

Getúlio Vargas negociou com os norte-americanos um empréstimo e a tecnologia para construir a Companhia Siderúrgica Nacional, em Volta Redonda, em troca da participação na Segunda Guerra, no que obteve sucesso. A concordância norte-americana em financiar Volta Redonda resultou de fatores de natureza política. Entre as formas de colaboração que os Estados Unidos receberiam do Brasil, estava a utilização de bases aéreas em alguns estados do Nordeste, para as tropas norte-americanas.



Este quadro, que mostra Getúlio Vargas com o presidente norte-americano Roosevelt, faz lembrar que, para entrar na guerra, o Brasil obteve financiamento para construir a Companhia Siderúrgica Nacional.

Em agosto de 1942, o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália e, dois anos depois, enviou uma força composta por soldados brasileiros: a FEB (Força Expedicionária Brasileira), à Europa. A importância desse fato para os rumos da História do Brasil é o motivo de marcarmos 1942 como o início desta aula.

Esta canção foi feita em homenagem aos soldados brasileiros – conhecidos como “pracinhas” – que foram lutar na Segunda Guerra Mundial.

*Por mais terras que percorra
Não permita Deus que eu morra
Sem que volte para lá
Sem que leve por divisa
Esse V que simboliza
A vitória que virá.
Nossa vitória final
Que é mira do meu fusil
A ração do meu bernal
A água do meu cantil
As asas do meu ideal
A glória do meu Brasil(...)*

Canção do Expedicionário

de Guilherme de Almeida e Spartaco Rossi

A Segunda Guerra Mundial terminou em 1945, com a vitória dos Aliados. Após a guerra, começou a acontecer uma disputa entre os Estados Unidos e a União Soviética por áreas de influência no mundo. Foi o período da **Guerra Fria**, assim chamado porque, apesar do clima de conflito, não havia confronto armado entre as duas potências.

A invenção do trabalhismo

“No sentimento dos trabalhadores brasileiros, a palavra do presidente Vargas tem uma ressonância mais profunda que todas as outras. É a voz de um amigo. É o ensinamento de um guia.” (trecho do discurso de Alexandre Marcondes Filho, ministro do Trabalho, em 1943.)

Foi especialmente nos últimos anos do Estado Novo (1942-1945) que Getúlio Vargas consolidou sua imagem de “pai dos pobres”, de amigo e guia dos trabalhadores.

Para tanto, utilizou-se especialmente do rádio. Desde 1942, um novo ministro do Trabalho, Alexandre Marcondes Filho, passou a ocupar diariamente um espaço no rádio, em chamadas rápidas, e semanalmente, com um programa especial. Nessas transmissões, enaltecia a figura do presidente, ao mesmo tempo em que divulgava e explicava os novos direitos dos trabalhadores. Assim ocorreu, por exemplo, com a decretação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT) em 1943.

Os direitos sociais e os ganhos salariais dos trabalhadores eram, na teoria e na prática getulista, descritos como uma dádiva, como uma doação do governo, representado pela figura do presidente. Nessa versão, desaparecia a história das lutas sociais dos trabalhadores brasileiros e de seus sindicatos livres na Primeira República. Não havia conquistas, apenas “presentes”, “doações”.

E, de fato, como o sindicalismo independente fora silenciado desde 1935 e já que se estava numa situação de ausência de qualquer direito social, essas

medidas do governo conquistaram milhares de trabalhadores. Nos comícios de 1º de maio, nas festas cívicas promovidas pelo Governo, nas datas em que ele fazia discursos aos trabalhadores (Natal, Ano Novo), o presidente encontrava um público fiel, atento e confiante.

No período de 1942 a 1945, também o Ministério do Trabalho redefiniu a política repressiva, colocada em prática desde 1935, e passou a incentivar os sindicatos oficiais a serem efetivamente locais de representação dos interesses dos trabalhadores e não apenas “sindicatos de papel”. Nascia o **trabalhismo**.

Desse modo, o ano de 1942, além de marcar a entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, assinala uma mudança de estratégia política do Estado Novo, especialmente em relação aos trabalhadores. A entrada de Alexandre Marcondes Filho no Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio é um exemplo dessa mudança. Durante a sua gestão, Marcondes Filho contribuiu de forma definitiva para a construção da imagem “paternal” do presidente Vargas junto aos trabalhadores e para a criação do trabalhismo como pensamento político, que, em 1945, daria origem ao Partido Trabalhista Brasileiro – PTB.

A Carteira de Trabalho que conhecemos hoje, criada durante o governo Vargas, em 1932, foi valorizada nessa fase do ministro Marcondes. É dele o texto de apresentação que há em todas as carteiras de trabalho até hoje. Síntese da política do tempo, essa apresentação destaca, ao mesmo tempo, o papel desempenhado pela carteira de trabalho como instrumento de controle da vida dos trabalhadores e como garantia de seus direitos.

A volta das liberdades democráticas

*Laurindo voltou
Coberto de glória
Trazendo garboso no peito
A cruz da vitória (...)
As duas divisas que ele ganhou mereceu
Conheço os princípios que Laurindo sempre defendeu
Amigo da verdade
Defensor da igualdade
Dizem que no morro vai haver transformação
Camarada Laurindo
Estamos à sua disposição
Cabo Laurindo, samba de Haroldo Lobo,
gravado por Jorge Veiga, em 1945*

Muito divulgado na época, esse samba fala da volta de um soldado brasileiro após o fim da guerra. O retorno dos pracinhas veio dar maior força à luta interna de muitos brasileiros pelas **liberdades democráticas**. Afinal, muitos haviam morrido e os que voltaram tinham arriscado a vida na luta contra regimes autoritários fora do Brasil. Havia conhecido idéias novas a respeito da democracia, do direito à liberdade e da luta pela igualdade em outros países. Portanto “*ia haver transformação*”, como dizia a letra do samba...

A transformação acabou realmente ocorrendo e não foi apenas por causa da volta dos pracinhas com sua história de luta contra o fascismo. No Brasil, havia sido percorrido todo um caminho de resistência contra o Estado Novo e suas medidas autoritárias. Além disso, especialmente após 1942, setores da sociedade brasileira tinham conseguido abrir espaços para a manifestação de opiniões

e de crítica ao Estado Novo, embora fossem limitados pela repressão e pela censura. Nesse ano, foi fundada a Sociedade dos Amigos da América, para lutar contra a ditadura de Getúlio Vargas e, em 1943, um documento escrito por políticos de Minas Gerais (que ficou conhecido como o “Manifesto dos Mineiros”) dizia o seguinte:

“Se lutamos contra o fascismo (...) para que a liberdade e a democracia sejam restituídas a todos os povos, certamente não pedimos demais reclamando para nós os mesmos direitos e garantias(...) Queremos liberdade de pensamento, sobretudo pensamento político.”

A campanha contra o governo cresceu e, em fevereiro de 1945, Getúlio Vargas cedeu. Finalmente, convocou eleições livres para o final daquele ano. Em abril, deu anistia para os presos por crimes políticos e permitiu o funcionamento de todos os partidos.



**Obrigadeiro
Eduardo Gomes
tentou, por
duas vezes, ser
eleito presidente,
pela UDN.**

Mesmo antes da liberdade partidária, em fevereiro, um grupo de oposição formado por políticos liberais, ligados aos interesses dos exportadores e de parte da classe média descontente com Getúlio, fundou a União Democrática Nacional – UDN. Esse partido declarava-se contra o comunismo e tinha grande simpatia pela política dos Estados Unidos. O candidato à Presidência pela UDN foi o brigadeiro Eduardo Gomes, militar que havia participado da Revolta do Forte de Copacabana, em 1922.

Getúlio Vargas reagiu habilmente e convocou chefes políticos leais a ele para criar um outro grande partido: o Partido Social Democrático – PSD, que lançou a candidatura à Presidência do general Eurico Gaspar Dutra, ministro da Guerra do Governo Getúlio Vargas.

Ao mesmo tempo, os ventos da liberdade abriram espaço para um partido que havia ficado 23 anos proibido: o Partido Comunista Brasileiro - PCB, que tinha entre seus militantes trabalhadores sindicalizados e intelectuais, e resolveu apoiar Getúlio Vargas, por sua **política nacionalista** e pela participação na guerra contra o nazi-fascismo.

No segundo semestre de 1945, Vargas dirigiu a criação de outro partido para apoiá-lo: o Partido Trabalhista Brasileiro – PTB, com apoio do Ministério do Trabalho e dos sindicatos governistas. O PTB fazia parte de um projeto de Getúlio Vargas para criar um **grande partido de massa** que desse continuidade à sua política, com o apoio dos trabalhadores, apoio esse que havia conquistado ao longo de seu governo.

Com as candidaturas presidenciais já lançadas (oficialmente o governo apoiava o general Eurico Gaspar Dutra, do PSD), o PTB, unido ao PCB, fez a campanha para que Getúlio Vargas continuasse no poder, enquanto se reunia uma Assembléia Nacional Constituinte livremente eleita. Essa campanha ficou conhecida como **queremismo**. A oposição desconfiava que Getúlio planejava apoiar-se na campanha para lançar a si mesmo como candidato à Presidência.

Assim, os opositores de Getúlio, com o apoio do Exército – que temia a aliança do PTB com o PCB –, conseguiram fazer com que Getúlio renunciasse e desistisse de sua candidatura à Presidência.

Getúlio continuou a apoiar o general Dutra, do PSD, que graças ao seu apoio venceu com 55% dos votos, contra 35% do brigadeiro Eduardo Gomes, da UDN, e 10% de Yedo Fiúza, do PCB.

Junto ao novo governo, elegeu-se também uma Assembléia Nacional Constituinte, que consagrou o direito universal do voto secreto a homens e mulheres alfabetizados, o direito de greve, o pluripartidarismo e a estrutura sindical corporativa herdada do Estado Novo. A Carta Constitucional de 1946 permaneceria em vigor até 1964.



Getúlio criou a imagem de “pai dos pobres” e o povo o adorava.

“Bota o retrato do velho outra vez”

Dutra realizou um governo de tendências mais conservadoras que o esperado, perdendo seus aliados eleitorais, inclusive Vargas. Alinhando-se com os Estados Unidos na **Guerra Fria**, o governo Dutra colocou o PCB outra vez na ilegalidade e rompeu relações diplomáticas com a União Soviética. Além disso, os direitos sociais e os interesses dos trabalhadores perdiam o caráter de prioridade que tiveram nos últimos anos do Estado Novo.

Por tudo isso, a campanha para a sucessão presidencial desenvolveu-se numa situação de impopularidade do governo Dutra. Os candidatos à Presidência eram o brigadeiro Eduardo Gomes, pela UDN, e Getúlio Vargas, pelo PTB (coligado ao PSP e apoiado pelo clandestino, mas atuante, PCB). O PSD teve como candidato Cristiano Machado. Em 1950, Getúlio Vargas foi eleito Presidente com 48,7% do total de votos. Voltou ao Palácio do Catete (sede do Governo) “nos braços do povo...”

Vargas assumiu em 1951 e deu início ao seu segundo governo, marcado por uma política econômica nacionalista, mas que não perdia de vista o capital estrangeiro. Getúlio buscava atrair investimentos estrangeiros para que, junto com os empresários nacionais, fosse impulsionada a indústria brasileira.

Para estimular a indústria, Getúlio criou leis que aumentavam os impostos de entrada de produtos estrangeiros, o que desagradou profundamente aos

empresários brasileiros ligados ao comércio e à exportação. E, em 1953, criou a Petrobrás, consagrando o monopólio estatal do petróleo.

No plano político-social, manteve o estilo que o havia transformado no “pai dos pobres” e “protetor dos trabalhadores”. No entanto, a alta do custo de vida ameaçava essa imagem.

“Saio da vida para entrar na História”

A popularidade de Vargas recebeu um grande golpe quando, em 1953, foi deflagrada uma greve em São Paulo, reivindicando aumento salarial para os trabalhadores. A greve começara com os operários da indústria de tecidos, apoiados, em seguida, por metalúrgicos, gráficos, ferroviários, motoristas e por outras categorias. O governo de São Paulo reprimiu duramente a greve, o que enfureceu a população. Houve quebra-quebra, feridos e muitos presos.

À imprensa de oposição a Getúlio, em especial o jornal *O Estado de S. Paulo* e a rádio *Globo*, juntaram-se os políticos da UDN e os militares que temiam o comunismo. Carlos Lacerda, deputado federal pela UDN e jornalista de *A Tribuna da Imprensa* desenvolvia uma campanha diária de denúncias – comprovadas ou não – em artigos contra o governo de Getúlio. Lacerda pedia, nos jornais, no rádio e na TV, que os militares dessem um golpe e retirassem o presidente do poder.

Isolado politicamente, muito combatido pela imprensa, sem controle de seu governo, Getúlio tentou reconduzir sua política para uma direção mais popular, concedendo um amplo reajuste ao salário mínimo, corroído pela inflação, em 1º de maio de 1954. Com isso, aumentaram ainda mais as desconfianças dos setores conservadores.

Um atentado contra o major Rubens Vaz, militar da Aeronáutica que estava ao lado de Carlos Lacerda, em Copacabana, marcou o fim de Getúlio. As investigações do crime chegaram até o chefe da guarda pessoal do presidente, Gregório Fortunato, conhecido como o “anjo negro”. Gregório foi preso, mas os discursos de Lacerda envolviam o próprio Getúlio na ação criminosa.

A campanha contra Getúlio cresceu. E ele foi ficando cada vez mais isolado, sem voz na imprensa, sem apoio dos políticos.

Pressionado por militares, que pediram abertamente a sua renúncia, e pela bancada da UDN no Congresso, que todos os dias discursava contra o presidente; abandonado por muitos dos que o apoiavam, inclusive pelo PSD, Getúlio afirmou que só sairia morto do Palácio do Catete.

E na manhã de 24 de agosto de 1954, Getúlio suicidou-se com um tiro no coração. Na sua carta-testamento dirigida ao povo brasileiro, dizia:

“Mais uma vez, as forças e os interesses contra o povo coordenaram-se e novamente se desencadeiam sobre mim.

Não me acusam, insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. (...)

Meu sacrifício vos manterá unidos e meu nome será vossa bandeira de luta. Cada gota de meu sangue será uma chama imortal na vossa consciência e manterá a vibração sagrada para a resistência. (...) Eu vos dei a minha vida. Agora vos ofereço a minha morte. Nada receio. Serenamente dou o primeiro passo no caminho da eternidade e saio da vida para entrar na História.

Getúlio Vargas”



O suicídio de Getúlio Vargas levantou o povo contra os inimigos do presidente. Lacerda teve de fugir, os jornais de oposição tiveram seus caminhões incendiados, a Embaixada dos Estados Unidos foi apedrejada... De repente, a indignação tomou conta do país...

Um golpe, que parecia em marcha, capitaneado pela UDN, foi barrado. A história tomou outro rumo e, de alguma forma, os que viriam a governar o país nos anos seguintes precisariam mostrar um bom convívio com a memória do presidente Vargas.

Relendo o texto

Leia mais uma vez o texto da aula. Sublinhe as palavras que não entendeu e procure seu significado, no vocabulário da Unidade ou no dicionário.

1. Releia **O mundo em guerra** e identifique os países que faziam parte do Eixo, na Segunda Guerra Mundial (1939-1945).
2. Releia **A invenção do trabalhismo** e retire do discurso de Alexandre Marcondes uma frase que mostre a imagem do presidente Vargas que o governo queria passar para os trabalhadores.
3. Releia **A volta das liberdades democráticas** e sublinhe na letra da canção **Cabo Laurindo** uma frase que mostre a esperança de mudanças na política brasileira, com o fim da Segunda Guerra Mundial e a volta dos pracinhas.
4. Releia “**Bota o retrato do velho outra vez**” e destaque o trecho que identifica os fatores da impopularidade do governo Dutra.
5. Releia “**Saio da vida para entrar na História**” e sublinhe no texto da “carta-testamento” uma frase em que Getúlio Vargas indica a atuação das oposições no período final de seu governo (1954).
6. Dê um novo título a esta aula.

Fazendo a História

Abra a sua Carteira de Trabalho na parte inicial. Caso você não tenha, peça emprestado a de alguém.

1. Procure, logo no começo da Carteira, o texto assinado pelo ministro Alexandre Marcondes Filho.
2. Leia esse texto com muita atenção. Ele foi escrito entre os anos de 1942 e 1945, período da História do Brasil ao qual nos referimos nesta aula.
3. Retire do texto uma frase que mostre a intenção do governo em ter o controle da vida profissional do trabalhador por meio da Carteira de Trabalho.
4. Retire do texto uma frase que mostre a intenção do governo em garantir os direitos sociais do trabalhador com a Carteira de Trabalho.



Exercícios